

Domingo III do Tempo Comum – ano B

– 24 de janeiro de 2021 –

1 – Estamos todos no mesmo barco. Sempre foi assim, mas com a pandemia essa constatação parece mais evidente, mesmo que alguns refiram, e vale a pena pensar nisso, que uns vão nos camarotes, outros no convés, outros no porão, uns na popa ou na proa, alguns já estão nos botes e outros em lanchas, uns com coletes salva-vidas e outros que nem coletes salva-vidas têm, caso seja necessário... Mas se o barco é o mundo, não há como escapar! Ou todos beneficiam ou todos sofrem. O que eu fizer, vai ajudar ou prejudicar o outro.

Ainda ressoam em nós as palavras do Papa Francisco, numa praça de São Pedro deserta, a 27 de março de 2020, quase há um ano, sobre a tempestade que se abateu sobre a humanidade, a pandemia do novo coronavírus: *"Demo-nos conta de estar no mesmo barco, todos frágeis e desorientados mas ao mesmo tempo importantes e necessários: todos chamados a remar juntos, todos carecidos de mútuo encorajamento. E, neste barco, estamos todos. Tal como os discípulos que, falando a uma só voz, dizem angustiados «vamos perecer» (cf. Mc 4, 38), assim também nós nos apercebemos de que não podemos continuar estrada cada qual por conta própria, mas só o conseguiremos juntos"*.

Como crentes, torna-se ainda mais explícita esta certeza, somos todos filhos amados de Deus, que nos confiou o mundo para cuidar e os outros para amar e servir. Deus a todos nos chama à vida e sonha com a nossa felicidade. Se alguém se perde pelo caminho, Deus conta que ajudaremos a encontrá-lo e a criar as condições para que possa voltar à vida, a um caminho de bênção e felicidade, com todos os constrangimentos e fragilidades que batem à nossa porta. Deus confia em mim, confia em ti. Somos responsáveis uns pelos outros. Hoje, há alguém que precisa de ajuda, amanhã poderei ser eu a precisar! Esta razão já seria suficiente para não cruzar os braços perante o sofrimento e a carência alheia. Mas há uma razão ainda mais profunda, somos filhos do mesmo Pai que espera que os irmãos vivam e formem verdadeira fraternidade.

2 – *«Cumpriu-se o tempo e está próximo o reino de Deus. Arrependei-vos e acreditai no Evangelho».*

A mensagem de Jesus é clara e é para todos. O ponto de partida é igual para mim e para ti. Somos filhos amados de Deus, pelo nascimento, e, por maioria de razão, pelo batismo. Em cada instante, o mesmo desafio: converter-nos, ser santos como o Pai é santo. Não é um estado, é um caminho; não é um ideal utópico do futuro, é um compromisso do presente; não é para alguns, é para todos; não é para o outro, é para mim e para ti.

Na verdade, a conversão corresponde ao desígnio mais básico do ser humano, na procura de crescer, desenvolver capacidades, ultrapassar os seus limites - o homem ultrapassa infinitamente o homem (Blaise Pascal) - sonha, projeta, procura e compromete-se em concretizar projetos, que o realizem como pessoa inserida numa família, num país, numa sociedade, específica e real. Alguém que não queira ser mais, fazer melhor, ser mais justo, ajudar os outros, envolver-se na transformação do mundo, contribuir para uma sociedade mais justa e fraterna, é alguém que se perdeu ou se esqueceu da sua humanidade e da pertença à sociedade.

Jesus vem para todos, vem salvar-nos. Não vem julgar o mundo, mas para que o mundo seja salvo pelas Suas palavras, pela Sua vida oferecida. Por todos! Não vem para os sábios deste mundo, que acham que sabem tudo; não vem para aqueles que são perfeitos, que acham que não têm nada a melhorar na sua vida; não vem para os santos, aqueles que acham que são irrepreensíveis e não têm qualquer fragilidade, vem para os pecadores, aqueles que buscam ser melhores e se deixam "ajudar" pelos outros e guiar pelo Espírito de Deus.

A mensagem é clara, para mim e para ti: o tempo urge, cumpriu-se, arrepende-te e acredita no Evangelho. Com Jesus, o Reino de Deus chegou até nós. O tempo é breve, não há tempo a perder, diz-nos São Paulo.

3 – *«Daqui a quarenta dias, Nínive será destruída».*

Eis a missão de Jonas: ir à cidade de Nínive anunciar a mensagem de Deus. É uma palavra definitiva e chocante: em quarenta dias, a cidade desaparecerá do mapa com os seus 200 mil habitantes. Não imagino se este aviso fosse dirigido a nós. Atenda-se que têm sido feitos bastantes avisos acerca das mortes por COVID-19. É um aviso alarmante que nos faz pensar, que desinquieta e desinstala, que nos deixa apreensivos. Mas não basta a apreensão, é preciso arrear caminho, fazer o que está ao nosso alcance para evitar parar a tragédia.

Jonas não sabe muito bem porque é que tem que ir avisar os habitantes de Nínive que a cidade vais ser destruída. Desconfia que os planos de Deus são outros. Mas vai, contrafeito, mas vai. Antes ainda faz um desvio, embarca noutra direção, mas não consegue fugir à missão que Deus lhe deu, a sua consciência não o deixaria viver! É uma cidade enorme, leva três dias a atravessar. Fica numa nação inimiga, o que é mais uma razão para não ir. O texto, no seu conjunto, há de mostrar-nos a irritação e revolta de Jonas, que desejava que o aviso fosse conclusivo e terminal, e não interpelação e prevenção sobre males futuros.

Muitos avisos que nos são feitos, do que vai ou do que pode acontecer, têm o propósito de nos levar a tomar as medidas necessárias para evitar o que lá vem ou pelo menos diminuir os estragos que se anunciam, apelando à responsabilidade (individual) de todos, por todos.

A mensagem não caiu em saco roto, os habitantes acreditaram em Deus e todos, do maior ao mais pequeno, se revestiram de saco e fizeram jejum, confiando na bondade e misericórdia do Senhor, alterando os seus hábitos e posturas. Ao ver as suas obras e como se convertem do seu mau caminho, Deus corresponde-lhes e não executa o castigo anunciado. A desconfiança de Jonas torna-se realidade, o aviso visava a conversão e não a destruição, a mudança de vida e não o castigo.

Deus ama-nos, confia em nós, está nas nossas mãos, em tantas situações, inverter o que nos destrói, os castigos que pesam sobre nós e sobre a humanidade. Na maioria dos casos, as tragédias são uma consequência direta do egoísmo (individual, de grupo, de uma nação). Se continuamos a cruzar os braços e a deixar que os outros realizem milagres, contribuiremos para a destruição do mundo. Estás nas nossas mãos fazer o que é certo, o que é melhor, o que nos liga aos outros e nos irmana na procura dialogante do bem comum, na opção preferencial pelos mais pobres, imitando o nosso Mestre e Senhor, Jesus Cristo.

4 – Para esta gesta, Deus conta com todos! A generalidade, porém, é visualizável no concreto. Cabe a cada um responder. Chama profetas e reis, patriarcas e sacerdotes, para que façam ressoar a Sua mensagem em toda a terra. A promessa a Abraão e a sua vocação é para que nele sejam abençoados todos os povos da terra. É um desígnio que permanece através das gerações, até à vinda do próprio Deus ao meio do Seu povo.

Chegado a plenitude dos tempos, Deus envia o Seu Filho. N'Ele, Deus não Se impõe pelo barulho, pela espetacularidade, mas respeita a nossa natureza e a nossa liberdade. Propõe-Se como Caminho, Verdade e Vida, apresenta-nos o Seu sonho, assumindo-nos como família, comunidade de vida e de amor.

Se fôssemos marionetas nas mãos de Deus, não precisávamos de ter fé, tudo estava decidido à partida. Mas Deus criou-nos livres e deu-nos a capacidade para Lhe respondermos ou para O esquecermos, ou abdicarmos d'Ele na nossa vida. Deus não desiste. Vemo-lo claramente em Cristo Jesus, Seu Filho que, por Sua vez, também não Se manifesta pelo poder, vindo como um extraterrestre, mas, sendo Deus, faz-Se um de nós, sendo Onnipotente, assume a nossa pequenez, sendo Todo-poderoso, sujeita-Se às coordenadas espaço-temporais, sujeita-Se a ser amado ou recusado, a ser acolhido ou rejeitado, a ser considerado ou ser perseguido.

Como ser humano, Jesus tem os dias contados. Foi crucificado, mas, ainda que o não fosse, biologicamente morreria como qualquer um de nós. Pelo caminho, chama alguns para que O percebam bem, na mensagem e na postura de vida, para que quando Ele não estiver, fisicamente presente, possam ser portadores das Suas palavras e O tornem presente na oração, especialmente na Eucaristia, e na caridade.

A vocação há de dar lugar ao envio e à missão. *«Vinde comigo e farei de vós pescadores de homens»*. A resposta é decidida e imediata. *"Eles deixaram logo as redes e seguiram Jesus. Um pouco mais adiante, viu Tiago, filho de Zebedeu, e seu irmão João, que estavam no barco a consertar as redes; e chamou-os. Eles deixaram logo seu pai Zebedeu no barco com os assalariados e seguiram Jesus"*.

Hoje somos nós os chamados. Como respondemos? Hesitamos, ponderámos, analisamos os prós e os contras? E, logo, ou em simultâneo, seremos enviados. Estamos prontos para acolher, viver e testemunhar o Evangelho, a Palavra de Deus que Se faz carne em Jesus e se quer fazer vida em toda a humanidade?

5 – *"Deus todo-poderoso e eterno, dirigi a nossa vida segundo a vossa vontade, para que mereçamos produzir abundantes frutos de boas obras, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, que é Deus convosco na unidade do Espírito Santo"*.

Para sermos verdadeiros discípulos missionários, antes de mais, é necessário que sejamos próximos, íntimos, cúmplices de Deus. Daí a urgência e a permanência da oração, de um diálogo que nos faz falar e pedir, agradecer e louvar, mas sobretudo que nos coloca à escuta. *"Mostrai-me, Senhor, os vossos caminhos, ensinai-me as vossas veredas. Lembrai-Vos de mim segundo a vossa clemência, por causa da vossa bondade, Senhor"*.

Quando vivemos muito tempo com alguém, quando amamos alguém profundamente, vamos imitando gestos, tiques, formas de andar, de falar, de vestir e, muitas vezes, as ideias são semelhantes. A oração faz-nos sintonizar com Deus, bem assim a escuta e meditação da Palavra de Deus, na procura sincera por traduzirmos em vida o que professamos com os lábios.

Alerta-nos o Apóstolo: *"Irmãos, o tempo é breve. Doravante, os que têm esposas procedam como se as não tivessem; os que choram, como se não chorassem; os que andam alegres, como se não andassem; os que compram, como se não possuíssem; os que utilizam este mundo, como se realmente não o utilizassem. De facto, o cenário deste mundo é passageiro"*.

Numa palavra, escutemos a voz de Deus que nos chama, na oração, na escuta e meditação da Palavra de Deus, para aprendermos a fazer-nos um com Deus, como Deus, em Cristo, Se fez um de nós e um connosco. Tão cúmplices de Deus que O respiremos, que O vivamos e que O transpareçamos, pelas palavras e pelas obras.

Pe. Manuel Gonçalves